

John Rawls e o problema do utilitarismo

ÉMERSON FRANCO DE ALMEIDA¹:
EVANDRO BARBOSA²

¹*Universidade Federal de Pelotas 1 – efrancodealmeida@gmail.com* 1

²*Universidade Federal de Pelotas 2 – evandrobarbosa2001@yahoo.com.br* 2

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo investigar as críticas de John Rawls, em UMA TEORIA DA JUSTIÇA (1997), apontadas ao utilitarismo. Sua teoria apresenta uma alternativa em relação a escola utilitária.

Primeiramente devemos destacar uma explicação sobre o princípio de Utilidade: “A doutrina que aceita a utilidade ou o princípio da maior felicidade como fundamento da moral, sustenta que as ações estão certas na medida em que elas tendem a promover a felicidade e erradas quando tendem a produzir o contrário da felicidade” (Mill, 2005)

Esta explicação dada na obra UTILITARISMO (2005), nos sugere uma ideia sobre a teoria. Se por um lado, a teoria influenciou diversos autores e escolas filosóficas, por outro lado, é alvo de muitas críticas por parte dos mais diferentes teóricos. Vamos examinar as críticas rawlsenianas. A crítica dirá: O modelo utilitarista de se pensar ética aconselha que os agentes morais cometam autossacrifício consigo mesmo e muitas vez não estão preocupados com a maneira que será promovida o bem-estar. Desta forma, o utilitarismo merece ser sinalizado.

Colocando o problema, o filósofo norte americano em sua filosofia estabelece uma primazia do justo sobre o bem. Assim sendo, sugere pensarmos a ética de forma diferente se comparada com os utilitaristas. Pensa em um sistema de liberdades básicas para todos os indivíduos fundada na base do “princípio de diferença” e “no princípio de igualdade”. Portanto, a crítica está no fato dos utilitaristas desconsiderarem a maneira da distribuição.

O presente trabalho questiona até onde os apontamentos de Rawls estão corretos e qual poderia ser a resposta de um utilitário a tais críticas.

2. METODOLOGIA

A discussão do tema acontece em quatro momentos. A abordagem inicia de forma exegética. UMA TEORIA DA JUSTIÇA(1997), de Rawls, e o UTILITARISMO (2005) de John Stuart Mill, fornecem as bases do trabalho.

O segundo momento consiste em ilustrar as divergências e problemas que seguem das diferentes abordagens. Diferentemente do primeiro procedimento esta parte concentra-se na reflexão e confronto entre ideias.

O terceiro momento, como é próprio das ciências humanas, consiste na troca de ideias sobre o assunto. Discussão com o orientador e em aula colaboram para tal etapa. O meu objetivo, portanto, é oferecer um detalhamento sobre as posições dos pensadores.

Finalmente, o quarto e último momento tem como objetivo a dissertação sobre o assunto. Um artigo já foi produzido a partir desse estudo que ainda está em seu início.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho ainda está em fase inicial. Os utilitaristas apesar de nos fornecerem respostas bastante atraentes para problemas éticos não estão livres de acusações. Os dois principais problemas podem ser chamados de “objeção da injustiça” e “objeção da exigência”. Tim Mulgan, em seu livro UTILITARISMO (2012), destaca tais problemas.

As objeções sugerem que em alguns casos o utilitarismo pode ser contra intuitivo ou sugerir ações inaceitáveis do ponto de vista da ética. As objeções são bastante significativas e exigem uma resposta se quisermos levar a diante nossa teoria ética. Mulgan, sugere que um exemplo torna o problema do utilitarismo mais visível.

Você e Betty chegaram à final dos jogos olímpicos. Você está representando a Nova Zelândia, um país pequeno. Na fase final da corrida você e Betty estão liderando, seguidos pela Índia, que é um país muito populoso. Nem a Nova Zelândia e nem a Índia ganhariam muitas medalhas de ouro. Você percebe que os vencedores trarão felicidade a todos em seu país. O utilitarismo diz que você deve desistir, permitindo que a equipe da Índia ganhe, uma vez que isso trará felicidade a muito mais pessoas. (UTILITARISMO, 2005)

No exemplo acima as duas objeções aparecem. Eu e Betty temos que ignorar nosso sonho em nome da felicidade do maior número de pessoas. Segundo Rawls, os utilitários ignoram as particularidades da vida humana e são obrigados a esquecerem seus interesses. O exemplo também mostra que os utilitaristas não estão preocupados com como a felicidade é produzida.

As principais críticas são de Robert Nozick e de John Rawls. No atual trabalho, concentramo-nos no segundo. Rawls, sugere um experimento de pensamento para encontrar os fundamentos da moral. O autor pensa em indivíduos colocados todos juntos em uma “posição original”, no qual devem determinar quais são os princípios que irão regulamentar a vida em comum dentro da sociedade (instituições, justiça). Neste ponto se desenvolve o trabalho. Ao dar primazia ao bem sobre o justo, fica evidente o que o utilitarismo desconsidera. Então, seria ela uma teoria que fracassa do ponto de vista moral? E se por acaso isso for verdade, o que um utilitarista poderia fazer para evitar tais exigências?

O resultado está justamente em entender quais os caminhos possíveis de resposta ao problema. Ja apuramos respostas de Shelly Kagan, que diz que a moralidade do senso comum é utilitária, porém tendo versões extremistas e minimalistas e que deveríamos fazer uma distinção entre “fazer” e “permitir”. Outra solução examinada é a compatibilidade de justiça e utilidade proposta pelo inglês John Stuart Mill. E agora é hora de compreender o problema a luz da crítica de John Rawls.

4. CONCLUSÕES

As discussões no âmbito da ética estão longe de encontrarem uma resposta definitiva. Todas as teorias normativas enfrentam problemas que merecem sofrer

retaliação. Ainda assim, entre elas, os utilitaristas são os que melhor respondem os problemas relativos a moral.

Devemos notar que devido a complexidade da ética, os concorrentes do utilitarismo (deontologia e ética das virtudes), também cometem seus erros e possuem seus paradoxos). Porém, os utilitaristas oferecem como possíveis alternativas uma reflexão sobre a mudança de bem-estar social que devemos perseguir ou mesmo o valor que devemos buscar. E contra o levantamento de Rawls, podemos pensar em um outro modelo de distribuição.

O desafio de nosso trabalho e também dos defensores do utilitarismo é evitar mandamentos que ordenem que indivíduos abram mão de seus próprios interesses e pratiquem injustiças para atingir aquele fim que perseguem. Por isso, levar em consideração o que diz Rawls é de suma importância para a evolução e aprimoramento da moral.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTHAM, J. **Uma introdução aos princípios da moral e da legislação**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

Mill, J.S. **Utilitarismo**. Lisboa: Gradiva, 2005.

MILL, J.S. **Sobre a liberdade**. Editora Martins Fontes. 2000.

MULGAN, T. **Utilitarismo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

RAWLS, J. **Uma Teoria da Justiça**. São Paulo: Martins Fontes, 1997